

O DIÁRIO DO MARANHÃO E A FICÇÃO OITOCENTISTA: CIRCULAÇÃO, MEDIAÇÃO, REPERTÓRIO

FICTION IN THE DIÁRIO DO MARANHÃO: CIRCULATION, MEDIATION, AND THE MAKING OF A LITERARY REPERTORY

LA FICCIÓN EN EL DIÁRIO DO MARANHÃO: CIRCULACIÓN, MEDIACIÓN Y CONSTRUCCIÓN DE UN REPERTORIO LITERARIO

Izenete Nobre Garcia¹

Alessandra Greyce Gaia Pamplona²

Antonia Raiane Santos Silva³

RESUMO: Este artigo investiga a circulação da prosa de ficção no jornal Diário do Maranhão entre 1874 e 1900, com ênfase na produção portuguesa, mas sem desconsiderar o contexto mais amplo da ficção estrangeira, nacional e local que ocupou as páginas do periódico. A pesquisa, de natureza historiográfica e documental, com abordagem quali-quantitativa, identificou 72 títulos de folhetins e centenas de anúncios de obras literárias ao longo do período estudado. Os resultados indicam a hegemonia da ficção francesa, seguida pela portuguesa. A presença portuguesa, embora secundária, foi constante e concentrou-se em dois momentos: 1874-1877 e 1891-1895, com autores como Pinheiro Chagas, Francisco Gomes de Amorim, Alberto Pimentel e Camilo Castelo Branco. A análise dos anúncios revela a atuação de livreiros e gabinetes de leitura como agentes de mediação cultural, enquanto as críticas publicadas no periódico indicam o papel da redação na legitimação de um repertório literário transatlântico. A pesquisa demonstrou como o Diário do Maranhão atuou como vetor de circulação de bens simbólicos e como espaço de negociação entre gostos locais e tradições estrangeiras, em um processo que envolveu tanto a importação de modelos europeus quanto a emergência de uma produção literária local.

Palavras-chave: Circulação literária. Imprensa oitocentista. Diário do Maranhão.

ABSTRACT: This article examines the circulation of fictional prose in the newspaper Diário do Maranhão between 1874 and 1900, with an emphasis on Portuguese production, while not disregarding the broader context of the foreign, national, and local fiction that filled the newspaper's pages. The research, of a historiographical and documentary nature, with a quali-

¹ Doutora em Teoria Literária / UEMA.

² Doutora em Teoria Literária / IFPA.

³ Graduada em Letras / UEMA.

quantitative approach, identified 72 serialized novel titles and hundreds of advertisements for literary works throughout the period under study. The results indicate the hegemony of French fiction, followed by Portuguese fiction. The Portuguese presence, although secondary, was constant and concentrated in two moments: 1874–1877 and 1891–1895, featuring authors such as Pinheiro Chagas, Francisco Gomes de Amorim, Alberto Pimentel, and Camilo Castelo Branco. The analysis of advertisements reveals the role of booksellers and reading rooms as agents of cultural mediation, while the reviews published in the newspaper indicate the editorial staff's role in legitimizing a transatlantic literary repertoire. The research demonstrated how the *Diário do Maranhão* acted as a vector for the circulation of symbolic goods and as a space for negotiation between local tastes and foreign traditions, in a process that involved both the importation of European models and the emergence of a local literary production.

Keywords: Literary Circulation. Nineteenth-Century Press. *Diário do Maranhão*.

RESUMEN: Este artículo investiga la circulación de la prosa de ficción en el periódico *Diário do Maranhão* entre 1874 y 1900, con énfasis en la producción portuguesa, pero sin desatender el contexto más amplio de la ficción extranjera, nacional y local que ocupó las páginas del periódico. La investigación, de naturaleza historiográfica y documental, con enfoque cuali-cuantitativo, identificó 72 títulos de folletines y cientos de anuncios de obras literarias a lo largo del período estudiado. Los resultados indican la hegemonía de la ficción francesa, seguida por la portuguesa. La presencia portuguesa, aunque secundaria, fue constante y se concentró en dos momentos: 1874-1877 y 1891-1895, con autores como Pinheiro Chagas, Francisco Gomes de Amorim, Alberto Pimentel y Camilo Castelo Branco. El análisis de los anuncios revela el papel de los libreros y gabinetes de lectura como agentes de mediación cultural, mientras que las críticas publicadas en el periódico indican el rol de la redacción en la legitimación de un repertorio literario transatlántico. La investigación demostró cómo el *Diário do Maranhão* actuó como vector de circulación de bienes simbólicos y como espacio de negociación entre gustos locales y tradiciones extranjeras, en un proceso que involucró tanto la importación de modelos europeos como la emergencia de una producción literaria local.

Palabras clave: Circulación literaria. Prensa oitocentista. *Diário do Maranhão*.

1 INTRODUÇÃO

A compreensão dos processos históricos de formação da Literatura Brasileira exige um esforço metodológico que vá além do exame das obras consagradas pelo cânone. Como tem demonstrado a Historiografia Literária das últimas décadas, os critérios que elevam certos textos ao panteão da Literatura nacional nem sempre coincidem com as preferências de leitura

de seus contemporâneos (Abreu, 2003; Muller, 2012). Essa constatação impõe a necessidade de investigar as práticas de leitura efetivas, os suportes materiais de circulação dos textos e os agentes envolvidos na mediação entre produção e recepção.

Os periódicos oitocentistas figuram, nesse cenário, como fontes documentais de primeira ordem. Diferentemente do livro, cuja produção e distribuição alcançavam parcelas restritas da população, o jornal, mais ágil, periódico e acessível, constituiu-se no principal veículo de difusão da ficção ao longo do século XIX (Barbosa, 2007). A coluna de folhetim, em particular, tornou-se espaço privilegiado para a publicação seriada de romances, muitos dos quais estrangeiros, que conquistaram vasto público e definiram pautas de gosto e expectativas sobre as variadas narrativas.

Este trabalho se insere nessa perspectiva ao tomar como objeto de análise a circulação da prosa de ficção no *Diário do Maranhão*, jornal que circulou em São Luís entre 1855 e 1911. A escolha por focalizar a produção portuguesa, sem isolá-la do contexto mais amplo, justifica-se por dois motivos principais. Primeiro, porque a presença de autores lusitanos na imprensa maranhense, embora menos estudada que a francesa, foi significativa e revela a continuidade dos vínculos culturais entre Brasil e Portugal mesmo após a Independência. Segundo, porque a análise dessa produção permite compreender como a Literatura Portuguesa foi apropriada, ressignificada e integrada a um repertório literário local em processo de formação, em um espaço marcado pela convivência entre o estrangeiro, o nacional e o provincial.

A pergunta que orienta a investigação é a seguinte: qual o perfil da ficção publicada no *Diário do Maranhão* no último quartel do século XIX, e que indícios os folhetins, os anúncios e as críticas oferecem sobre as práticas de mediação editorial e os critérios de seleção do público leitor maranhense? A hipótese que se ensaia é a de que a ficção no periódico se organizava em uma hierarquia que privilegiava a produção francesa, mas reservava espaços estratégicos para a Literatura portuguesa e, em menor escala, para a produção nacional e local, em um movimento que refletia tanto as influências culturais hegemônicas quanto as especificidades do gosto e da sociabilidade literária na província.

Para responder a essas questões, o estudo adotou uma abordagem historiográfica e documental, de natureza quali-quantitativa, apoiada em procedimentos de levantamento sistemático, classificação e análise de fontes primárias. O *corpus* documental foi constituído por exemplares do *Diário do Maranhão* disponíveis na Hemeroteca Digital Brasileira, abrangendo o período de 1874 a 1900. A escolha do marco inicial se justifica pela retomada da publicação diária do jornal em agosto de 1873, cujos primeiros meses de transição apresentaram irregularidades na

seção de folhetim. O ano de 1874, portanto, marca o início de uma fase de maior regularidade editorial.

O procedimento de coleta foi realizado em etapas. Primeiramente, procedeu-se à leitura integral dos números publicados em cada ano, com atenção especial às seções *Folhetim*, *Variedades*, *Anúncios* e às notas editoriais que eventualmente comentavam as obras publicadas. Em cada uma dessas seções, foram registradas todas as ocorrências de prosa de ficção, incluindo romances completos publicados em série, contos, novelas e anúncios de livros à venda. As informações extraídas — autor, título, período de publicação, seção, nacionalidade do autor, gênero e eventuais notas editoriais — foram organizadas em uma planilha eletrônica, que serviu como base para a construção das tabelas e gráficos e para a análise quantitativa.

Para a seção de anúncios, adotou-se um procedimento específico: foram registrados não apenas os títulos e autores, mas também informações sobre preço, local de venda, editora, formato editorial e quaisquer elementos que indicassem estratégias de apresentação ao leitor. Essa abordagem visou capturar os indícios das práticas de mediação comercial e editorial, conforme sugerido por Barbosa (2007). As críticas e notas editoriais foram igualmente registradas, com atenção à posição assumida pela redação, se elogiosa, neutra ou crítica.

A pesquisa enfrentou limitações documentais, típicas do trabalho com acervos digitalizados. Problemas de acesso à Hemeroteca Digital resultaram em interrupções pontuais, com algumas edições mutiladas, o que inviabilizou a recuperação integral de certos folhetins e anúncios. Em tais casos, as lacunas foram registradas e, quando possível, compensadas com informações indiretas, como notas editoriais que mencionavam a conclusão de obras iniciadas ou a continuação de folhetins em edições subsequentes. Essas limitações foram consideradas na interpretação dos dados, evitando inferências excessivas sobre o conjunto do *corpus*.

Do ponto de vista teórico, a pesquisa apropria-se de conceitos provenientes da História da Livro e da Leitura, particularmente os de Chartier (1994) sobre as práticas de apropriação dos textos, e a noção de comunidade de leitores proposta por Darnton (1990). Além disso, dialoga com os estudos de Abreu (2003; 2014) sobre a circulação de romances no Brasil oitocentista e com as contribuições de Barbosa (2007) acerca das relações entre imprensa e Literatura. A categoria de “mediação editorial”, central na análise, é compreendida como o conjunto de operações, desde a seleção dos textos até sua apresentação material e discursiva, que configuram a recepção e definem os horizontes de expectativa dos leitores (Chartier, 1994).

O artigo se estrutura em cinco seções, além desta introdução e da conclusão. Na seção 2, apresenta-se o perfil do *Diário do Maranhão* e seu espaço para a ficção. Na seção 3, expõem-se os

resultados quantitativos da pesquisa, com ênfase na distribuição da ficção por nacionalidade, gênero e período. Na seção 4, analisam-se os anúncios como indícios do mercado editorial local. Na seção 5, aborda-se a recepção crítica, por meio das críticas e notas editoriais. Na seção 6, interpreta-se a ficção portuguesa, contextualizando-a no quadro mais amplo da circulação transatlântica. Por fim, na conclusão, retomam-se os principais argumentos, apontam-se as limitações do estudo e sugerem-se desdobramentos futuros.

2 O DIÁRIO DO MARANHÃO E SEU ESPAÇO PARA A FICÇÃO

O *Diário do Maranhão* foi fundado em 20 de setembro de 1855 por Antônio Rego e Antônio Marques Rodrigues Rego, com a proposta de atender aos interesses do comércio, da lavoura e da indústria. Sua primeira fase estendeu-se até 1858, quando sua circulação foi interrompida. Foi retomado em 1º de agosto de 1873, sob nova direção, a de José Maria Corrêa de Frias, e passou a ser publicado diariamente. Segundo Jorge (2008, p. 225), o periódico “deixou traços marcantes na história da imprensa local”, caracterizando-se como uma publicação de feição noticiosa e comercial, mas que reservava espaço sistemático para a Literatura. Serra (1883, p. 73), em sua crônica sobre o jornalismo maranhense, descreve o periódico como uma “folha de agradável leitura”, evidenciando sua pretensão de conciliar informação e entretenimento.

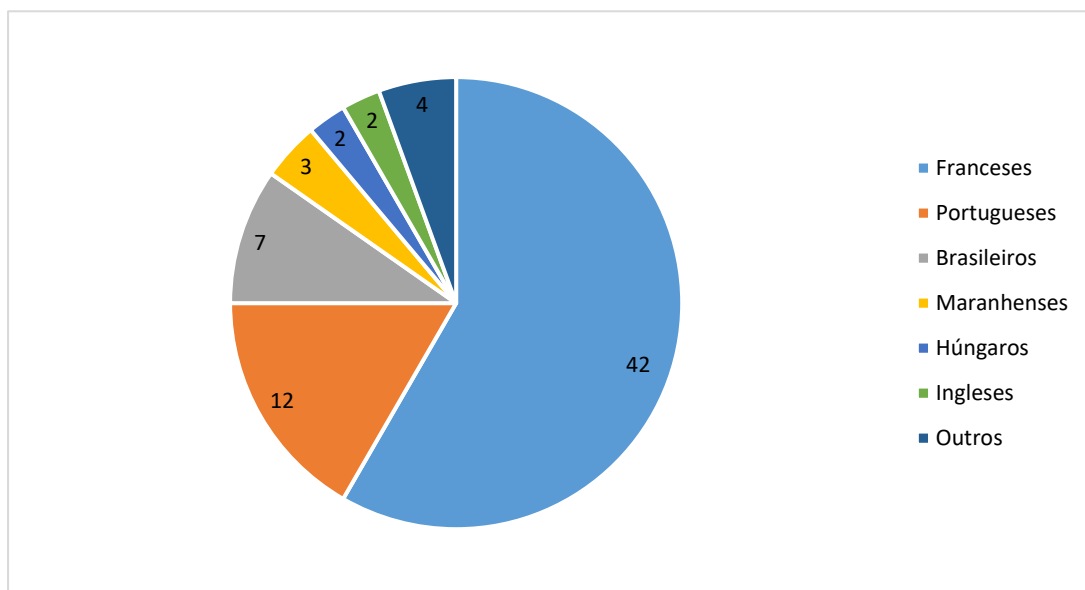
A seção de folhetim, publicada na primeira página ou em outra página com destaque, era o principal canal de veiculação de prosa de ficção. Os romances apareciam em capítulos diários ou quase diários, frequentemente sem indicação de continuidade entre um número e outro. Além do folhetim, a seção *Variedades*, eventualmente, trazia contos ou novelas curtas, e os *Anúncios* divulgavam livros à venda nas livrarias locais, muitas vezes com indicação de preço, formato e editora. Essa organização editorial sugere que o jornal operava uma estratégia de fidelização do leitor, oferecendo-lhe não apenas informações práticas e políticas, mas também um fluxo contínuo de narrativas ficcionais que estimulavam o retorno diário à leitura.

A pesquisa identificou, ao longo do período estudado, a publicação de 72 títulos de folhetins de prosa de ficção, além de um número expressivo de anúncios e críticas. A análise desses dados permite traçar um perfil detalhado da circulação literária no periódico, revelando hierarquias, preferências e estratégias editoriais que serão exploradas nas seções seguintes.

3 PANORAMA DA FICÇÃO NO PERIÓDICO: NACIONALIDADES, GÊNEROS E PERIODIZAÇÃO

A análise quantitativa dos folhetins publicados entre 1874 e 1900 revela uma clara hegemonia da ficção francesa, que representa 58,3% do total de títulos identificados. A produção portuguesa vem em seguida, com 16,7%, confirmando a hipótese de que a presença lusitana, embora secundária, foi significativa. A Literatura Brasileira comparece com 9,7% dos títulos, enquanto a produção maranhense, embora modesta (4,2%), atesta a existência de uma produção literária local que circulava no mesmo espaço do jornal. Autores húngaros, ingleses e de outras nacionalidades completam o quadro, com percentuais menores, conforme gráfico 1.

GRÁFICO 1 – Distribuição de folhetins por nacionalidade do autor (1874-1900)

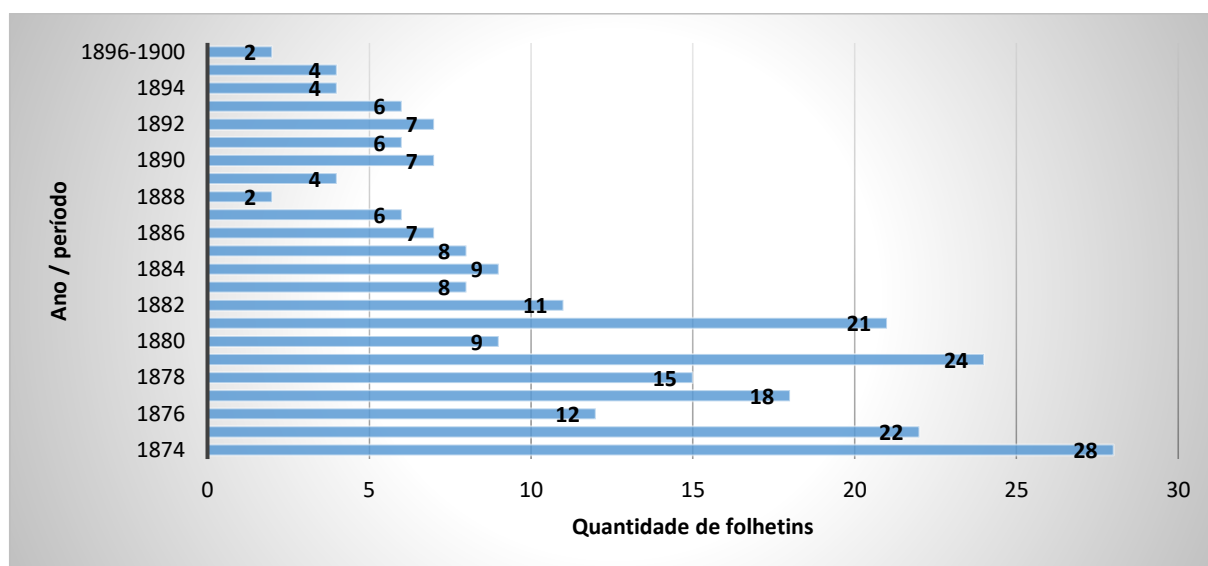


Fonte: Autores, a partir do banco de dados.

Essa distribuição confirma o diagnóstico já formulado por Abreu (2003) e Muller (2012) sobre a hegemonia da ficção francesa no Brasil oitocentista, fenômeno que se explica tanto pela influência cultural da França no período quanto pela organização do mercado editorial, que privilegiava a tradução e a adaptação de autores franceses. A presença portuguesa, por sua vez, pode ser atribuída à permanência dos vínculos culturais entre Brasil e Portugal, reforçados pela imigração lusitana e pela circulação de livros e periódicos entre os dois países. A produção brasileira e maranhense, embora minoritária, revela a emergência de uma Literatura nacional que, ainda que não ocupasse o lugar central no folhetim, encontrava espaço no jornal.

Sobre a distribuição anual dos folhetins percebem-se padrões significativos. Observa-se uma concentração de publicações nas décadas de 1870 e 1880, com pico em 1874 (ano de retomada da publicação diária) e 1879, seguida por um declínio gradual a partir de 1887 e uma modesta retomada na virada da década de 1880 para 1890.

GRÁFICO 2 – Distribuição anual de folhetins publicados (1874-1900)

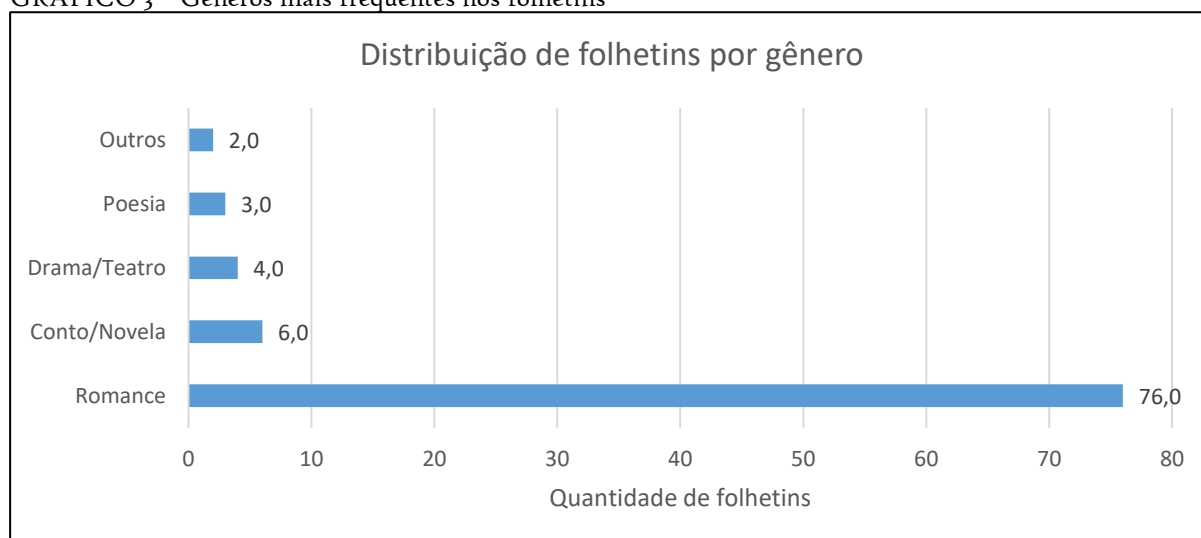


Fonte: Autores, a partir do banco de dados.

Esse padrão pode estar relacionado a mudanças na direção editorial do jornal, a flutuações econômicas que afetaram a disponibilidade de papel e a capacidade de impressão, ou a alterações no gosto do público, que na década de 1880 poderia ter se voltado mais intensamente para a ficção francesa ou para autores brasileiros emergentes. A concentração inicial (1874-1879) coincide com os primeiros anos da retomada do jornal, período em que a redação buscou consolidar uma base de leitores por meio de uma oferta abundante de folhetins.

A análise dos gêneros revela o predomínio do romance, em suas diversas modalidades, sobre outros gêneros como a poesia, o conto, a novela e o drama. Entre os romances, o romance histórico é o mais frequente, seguido pelo romance sentimental e pelo romance de costumes.

GRÁFICO 3 – Gêneros mais frequentes nos folhetins



Fonte: Autores, a partir do banco de dados.

A presença do romance sentimental reflete a preferência do público por enredos que combinassem entretenimento com lições de moral e virtude, critério ainda valorizado na segunda metade do século XIX. O predomínio do romance histórico entre os folhetins portugueses, como se verá adiante, está alinhado com a produção de Pinheiro Chagas e Alberto Pimentel, ambos autores de narrativas históricas de ambientação portuguesa:

TABELA 1 – Principais autores estrangeiros no folhetim do *Diário do Maranhão* (1874-1900)

Autor	Nacionalidade	Títulos identificados	Período de atividade no jornal
Júlio Verne	Francesa	8	1874-1877
Alexandre Dumas	Francesa	5	1855, 1874, 1881
Xavier de Montepin	Francesa	4	1879-1885
Alexis Bouvier	Francesa	4	1881-1893
Pinheiro Chagas	Portuguesa	6	1874-1876
Francisco Gomes de Amorim	Portuguesa	4	1875-1891
Alberto Pimentel	Portuguesa	4	1874-1884
Maurice Jokai	Húngara	2	1881
Henry Greville	Francesa	2	1890-1891

Fonte: Autores, a partir do banco de dados.

Os autores Júlio Verne, Alexandre Dumas e Xavier de Montepin confirmam a preferência do público por narrativas de aventura, mistério e romance histórico, gêneros que dominavam o mercado editorial europeu e encontravam ampla ressonância no Brasil. A inclusão de portugueses, como Pinheiro Chagas, Gomes de Amorim e Alberto Pimentel, indica que a ficção lusitana, embora em menor número, gozava de reconhecimento entre os leitores maranhenses e era vista como uma alternativa legítima à hegemonia francesa.

4 OS ANÚNCIOS COMO INDÍCIO DO MERCADO EDITORIAL LOCAL

Os anúncios publicados no *Diário do Maranhão* constituem uma fonte valiosa, para a compreensão do funcionamento do mercado editorial em São Luís. Ao longo do período estudado, centenas de anúncios divulgaram obras à venda em livrarias e gabinetes de leitura locais, oferecendo informações sobre preços, formatos, editoras e estratégias de sedução ao leitor.

Na Tabela 2 identificam-se os principais estabelecimentos que anunciavam no periódico.

TABELA 2 – Livrarias e gabinetes de leitura mencionados nos anúncios

Estabelecimento	Tipo	Anos de atividade	Frequência
Gabinete Portuguez de Leitura	Gabinete de leitura	1874-1890	Alta
Livraria Gonçalves & Pinto	Livraria	1875-1877	Média
Livraria Popular de Magalhães & C.	Livraria	1885	Média
Antonio Pereira Ramos de Almeida & C.	Livraria	1875-1890	Baixa
Livraria Economica de Gonçalves & Pinto	Livraria	1885	Baixa
B. L. Garnier	Editora/Livraria	1875-1876	Média
Magalhães & C.	Livraria	1874-1875	Média

Fonte: Autores, a partir do banco de dados.

O Gabinete Português de Leitura se destaca como o principal anunciante no período inicial (1874-1890), o que sugere que os gabinetes de leitura desempenhavam um papel central na mediação entre a oferta editorial e o público leitor. Como observa Sales (2013), esses espaços foram fundamentais para a propagação do romance no século XIX, funcionando como bibliotecas circulantes que permitiam o acesso a uma gama de obras mediante assinatura ou pagamento por empréstimo.

A presença de livrarias como a Gonçalves & Pinto e a Popular de Magalhães & C. indica a existência de um comércio livreiro ativo em São Luís, que mantinha relações com editoras do Rio de Janeiro e de Portugal. A diversidade de estabelecimentos sugere que o mercado editorial local era razoavelmente estruturado, com diferentes tipos de agentes atuando na distribuição e venda de livros.

Os anúncios frequentemente empregavam estratégias retóricas para atrair o leitor, como a referência ao sucesso da obra em Lisboa ou no Rio de Janeiro, a indicação do gênero (romance histórico, romance sentimental, obra moral), e a menção ao autor como consagrado ou famoso. Esses recursos não apenas informavam, mas também legitimavam a obra antecipadamente, construindo um horizonte de expectativa que orientava a escolha do leitor.

O predomínio do romance nos anúncios confirma a centralidade do gênero na preferência do público, alinhando-se aos dados dos folhetins. A presença de poesia, drama e biografia indica uma oferta diversificada, ainda que secundária.

A comparação entre a frequência de anúncios e de folhetins de autores portugueses revela um padrão interessante.

GRÁFICO 5 – Comparação entre folhetins e anúncios de autores portugueses

ANO	FOLHETINS	ANÚNCIOS
1874	2	12
1875	1	8
1876	0	5
1877	2	8
1882	2	2
1884	0	4
1891	2	2
1895	0	5
1899	0	2
1900	0	2
Total	9	50

Fonte: Autores, a partir do banco de dados.

Os anúncios de autores portugueses são significativamente mais numerosos que os folhetins, especialmente nos primeiros anos do periódico (1874-1877). Isso sugere que a produção portuguesa circulava mais como mercadoria editorial (livros) do que como folhetim, o que pode indicar que o público maranhense estava disposto a adquirir livros de autores portugueses, mas que a redação preferia publicar em folhetim autores franceses, considerados mais atrativos para o grande público. Essa distinção é relevante para compreender as diferentes formas de acesso à leitura na época: enquanto o folhetim era um conteúdo acessível a todos os leitores do jornal, o livro era um bem de consumo que exigia maior dispêndio financeiro.

5 AS CRÍTICAS E NOTAS EDITORIAIS

Para além dos anúncios e da presença dos textos no periódico, as críticas e notas editoriais publicadas no *Diário do Maranhão* oferecem indícios valiosos sobre a recepção crítica das obras e sobre o papel da redação na orientação do gosto literário.

As críticas publicadas no periódico, embora não numerosas, revelam a atuação da redação como instância de legitimação e orientação do público. A Tabela 3 sintetiza as principais críticas identificadas.

TABELA 3 – Síntese das críticas literárias publicadas (1874-1879)

Data	Obra/comentário	Autor da crítica	Posição
14/04/1874	Noites de Insomnia	Redação	Elogiosa
11/05/1874	O Papa perante o Século	Almeida Ribeiro	Crítica
26/06/1874	O Ensino Público	Redação	Neutra
02/07/1874	A Revolta	Redação	Elogiosa
08/08/1874	Ensinamentos para a história dos Jesuítas	Redação	Elogiosa
02/09/1874	História da Guerra Civil nos EUA	Redação	Elogiosa
21/11/1874	Noites d'Insomnia	Redação	Elogiosa
31/10/1875	Os Lazaristas	Redação	Elogiosa
17/12/1875	A Morgadinha de Val-flor	Redação	Elogiosa
28/12/1875	A Morgadinha de Val-flor	Redação	Elogiosa

Fonte: Autores, a partir do banco de dados Críticas.

A maioria das críticas é elogiosa, o que sugere que a redação atuava como uma instância de consagração, selecionando e recomendando obras que considerava meritórias. Destacam-se as críticas a *Noites de Insônia*, de Camilo Castelo Branco, e *Os Lazaristas*, de Antonio Ennes, ambos autores portugueses, o que reforça a importância da produção lusitana no periódico e indica que a redação via na Literatura portuguesa um valor cultural que merecia ser destacado junto ao público.

Embora minoritária, a crítica também podia assumir um tom polêmico. A realizada sobre *O Papa perante o Século*, de Almeida Ribeiro, publicada em 11 de maio de 1874, é um exemplo de posicionamento crítico, ainda que os motivos da discordância não sejam explicitados no registro disponível. A existência de críticas negativas ou polêmicas indica que o periódico não se limitava a uma função meramente promocional, mas abria espaço para o debate literário e ideológico, mesmo que de forma limitada.

As notas editoriais, por seu turno, que anunciavam o início ou o término de um folhetim, ou que comentavam a qualidade de uma obra, desempenhavam um papel pedagógico. Ao recomendar uma obra como “digna de leitura” ou ao destacar o talento de um autor, a redação não apenas informava, mas também orientava o leitor, contribuindo para a formação de um repertório literário compartilhado. Esse processo de legitimação antecipada, como propõe Chartier (1994), era fundamental para orientar as escolhas de leitura em um mercado editorial ainda incipiente, no qual a oferta era vasta, mas os critérios de seleção, nem sempre explícitos.

6 A FICÇÃO PORTUGUESA NO CONTEXTO DA CIRCULAÇÃO TRANSATLÂNTICA

A presença portuguesa no *Diário do Maranhão* se concentra em dois momentos: 1874-1877 e 1891-1895. A Tabela 4 sintetiza os principais autores e obras identificados.

TABELA 4 – Autores portugueses e suas obras no Diário do Maranhão (1874-1900)

Autor	Obra	Ano	Seção	Tipo
Pinheiro Chagas	O Juramento da Duquesa	1874	Folhetim	Romance Histórico
Pinheiro Chagas	A Máscara Vermelha	1874	Anúncio	Romance Histórico
Pinheiro Chagas	Os Guerrilheiros da Morte	1874	Anúncio	Romance Histórico
Pinheiro Chagas	Vermelhos, Brancos e Azuis	1874	Anúncio	Romance Histórico
Pinheiro Chagas	A Judia	1875	Anúncio	Drama
Pinheiro Chagas	A Lenda da Meia Noite	1874	Anúncio	Romance
Alberto Pimentel	A Porta do Paraíso	1874	Anúncio	Romance Histórico
Alberto Pimentel	O Anel Misterioso	1874	Anúncio	Romance Histórico
Alberto Pimentel	As Freiras	1874	Folhetim	Romance
Alberto Pimentel	As Feiras	1874	Variedades	Romance
Alberto Pimentel	Gêmeas	1874	Variedades	Prosa
Alberto Pimentel	Portugal de Cabeleira	1875	Anúncio	Coleção
Alberto Pimentel	Testamento de Sangue	1884	Anúncio	Romance
Francisco Gomes de Amorim	Os Selvagens	1875-1877	Anúncio	Romance Indianista
Francisco Gomes de Amorim	O Cedro Vermelho	1877	Anúncio	Romance
Francisco Gomes de Amorim	Remorso Vivo	1891	Folhetim	Romance
Francisco Gomes de Amorim	Cantos Matutinos	1895	Anúncio	Poesia
Camilo Castelo Branco	Noites de Insônia	1874	Anúncio	Romance
Camilo Castelo Branco	Novelas do Minho	1876	Anúncio	Novelas
Camilo Castelo Branco	O Filho Natural	1877	Anúncio	Romance
Eça de Queirós	A Casa de Ramires	1895	Anúncio	Romance
Eça de Queirós	Vida de Fadigue Mendes	1895	Anúncio	Romance
Leite Bastos	O Selo da Morte	1882	Folhetim	Romance
Pedro Ivo	O Selo da Roda	1877	Folhetim	Romance

Fonte: Autores, a partir do banco de dados.

O autor português mais frequente é Pinheiro Chagas, com seis títulos identificados, a maioria deles em anúncios. *O Juramento da Duquesa*, publicado em folhetim em janeiro de 1874,

é representativo do uso que o autor fazia do romance histórico, pois em vez dos relatos épicos da Restauração, Chagas privilegia os bastidores da corte, as intrigas palacianas e os conflitos entre dever e paixão. Em suas próprias palavras, buscou transformar os *defeitos* dos antepassados em “amargas lições” e suas *virtudes* em “glorioso incitamento”. Essa tensão entre exemplaridade moral e complexidade psicológica parece ter agradado ao público leitor, a julgar pela recorrência com que o autor é anunciado no jornal.

O outro escritor de destaque é Francisco Gomes de Amorim. Nascido em Portugal, mas profundamente ligado ao Brasil, Amorim encarna a figura do escritor transatlântico, que transita entre dois sistemas literários. Costa Carvalho (2019) o descreve como um “homem de duas pátrias”, cuja produção reflete as tensões e os diálogos entre as culturas lusa e brasileira. Seu romance *Remorso Vivo* (1891), publicado em folhetim entre agosto e dezembro, é uma continuação de *Os Selvagens* (1875), obra ambientada no Brasil e marcada por um olhar indianista e nacionalista. Nas obras de Amorim ambientadas no Brasil, fica evidente o protagonismo e a valorização positiva tanto da natureza quanto dos habitantes locais.

Alberto Pimentel, por sua vez, foi um representante do Romantismo histórico português da segunda metade do século XIX. Sua coleção *Portugal de Cabeleira* (1875), que inclui *As Feiras* e *Gêmeas*, publicadas no *Diário do Maranhão* em 1874, caracteriza-se pela evocação nostálgica de um passado idílico, com ênfase nos costumes, nas tradições e na memória coletiva. Esse tipo de narrativa, marcada por um saudosismo que ressoava com as tendências românticas da época, encontrou acolhida em um público que, como assinala Muller (2012), valorizava a moralidade e o caráter edificante da leitura.

Camilo Castelo Branco, outro autor português de destaque, aparece nos anúncios com obras como *Noites de Insônia* (1874) e *O Filho Natural* (1877), indicando que sua produção circulava em São Luís, ainda que não em folhetim. A presença de Camilo nos anúncios, assim como a de Eça de Queirós na década de 1890, sugere que a Literatura portuguesa da época era acompanhada com interesse pelo público maranhense, que tinha acesso às novidades editoriais de Lisboa e do Rio de Janeiro por meio das livrarias locais.

A presença portuguesa no *Diário do Maranhão*, como se pode notar, não foi contínua, mas se concentrou em dois momentos. A análise da evolução temporal revela um padrão de alternância entre períodos de maior e menor presença lusitana.

A primeira fase (1874-1877) coincide com os primeiros anos da retomada do jornal, período em que a redação buscou consolidar uma base de leitores. Nesse contexto, autores portugueses como Pinheiro Chagas, Alberto Pimentel e Camilo Castelo Branco foram

amplamente anunciados, e alguns deles (Chagas e Pimentel) também publicaram em folhetim. A segunda fase (1891-1895) é marcada pelo retorno de Gomes de Amorim com *Remorso Vivo* (1891) e pela entrada de Eça de Queirós nos anúncios (1895), o que sugere uma atualização do repertório português, com a incorporação de autores mais recentes e de novas tendências estéticas.

O longo intervalo entre esses dois momentos (1878-1890) coincide com a hegemonia francesa no folhetim, o que pode indicar que a redação, nesse período, privilegiou autores franceses em detrimento dos portugueses, seja por questões de gosto, seja por disponibilidade de traduções ou por acordos editoriais. A retomada da presença portuguesa na década de 1890 pode estar relacionada a mudanças na direção editorial ou a uma revalorização da Literatura lusitana por parte do público.

7 CONCLUSÃO

A pesquisa realizada sobre a prosa de ficção no *Diário do Maranhão* no último quartel do século XIX permite afirmar que a presença de textos literários nesse periódico foi significativa e estratégica, constituindo um elemento regular na programação editorial do jornal. A análise quantitativa revelou a hegemonia da ficção francesa (58,3% dos títulos), seguida pela portuguesa (16,7%), brasileira (9,7%) e maranhense (4,2%). Essa distribuição confirma a centralidade da cultura francesa no imaginário oitocentista brasileiro, mas também evidencia a permanência dos vínculos com Portugal e a emergência de uma produção literária nacional e local.

14

A presença portuguesa, embora secundária, foi constante e concentrou-se em dois momentos: 1874-1877 e 1891-1895, com autores como Pinheiro Chagas, Francisco Gomes de Amorim, Alberto Pimentel, Camilo Castelo Branco e Eça de Queirós. Os anúncios revelam que a produção lusitana circulava mais como mercadoria editorial do que como conteúdo gratuito, sugerindo que o público maranhense estava disposto a adquirir livros de autores portugueses, mas que a redação preferia publicar em folhetim autores franceses, considerados mais atrativos para o grande público.

Os anúncios, por sua vez, atuavam como mecanismos de mediação que qualificavam as obras, orientavam o leitor e contribuíam para a formação de um repertório literário compartilhado. A presença de livrarias e gabinetes de leitura, como o Gabinete Português de Leitura e a Livraria Gonçalves & Pinto, indica a existência de um mercado editorial ativo em São Luís, que mantinha relações com editoras do Rio de Janeiro e de Portugal. As críticas

publicadas no periódico, embora minoritárias, revelam o papel da redação como instância de legitimação e orientação do gosto literário.

O estudo apresenta, contudo, limitações que devem ser reconhecidas. O recorte temporal e a concentração em um único periódico restringem a generalização dos achados; a mutilação de algumas edições e as interrupções no acesso à Hemeroteca Digital introduzem vieses na amostra que não podem ser totalmente controlados. Pesquisas futuras poderão ampliar o escopo, incluindo outros jornais maranhenses (como *O Publicador Maranhense* ou *O Paiz*), estendendo o recorte cronológico para abranger todo o período de circulação do *Diário do Maranhão* ou aprofundando a análise da recepção por meio de fontes complementares, como cartas de leitores, crônicas de costumes e memórias de contemporâneos.

A contribuição principal deste trabalho reside em demonstrar que a circulação da ficção no Maranhão oitocentista não pode ser reduzida a um reflexo da imigração ou a uma sobrevivência colonial. Ela foi, antes, um processo ativo de seleção, mediação e apropriação, no qual o jornal atuou como agente constitutivo do gosto literário. Ao publicar, anunciar e criticar esses textos, o *Diário do Maranhão* não apenas difundia Literatura: ele moldava horizontes de expectativa, legitimava autores e temas, e forjava, ainda que de modo fragmentário, uma tradição literária local em diálogo com o mundo lusófono, francófono e, progressivamente, com a emergente Literatura nacional brasileira.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia. *Os caminhos dos livros*. Campinas: Mercado de Letras, 2003.
- ABREU, Márcia. Problema de História Literária e interpretação de romances. *Todas as Letras*, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 40-52, 2014.
- BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. *Jornal e Literatura: a imprensa periódica no século XIX*. Porto Alegre: Nova Prova, 2007.
- CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros*. Brasília: Editora da UnB, 1994.
- COSTA CARVALHO, José Rodrigo Carneiro da. *Francisco Gomes de Amorim: revolucionário e repórter de rua*. Póvoa de Varzim: [s.n.], 2019.
- DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- JORGE, Sebastião. *A Imprensa do Maranhão no Século XIX*. São Luís: Lthograf, 2008.
- MULLER, Andréa Correa Paraíso. Imprensa e leitura de romances no Brasil oitocentista. *Leopoldianum*, Santos, v. 38, n. 105, p. 51-63, 2012.

SALES, Germana Maria Araújo. O romance como ponte: o espaço lusófono no Brasil oitocentista. In: SALES, Germana Maria Araújo; FURTADO, Marli Tereza; DAVI, Sérgio Nazar (Org.). *Interpretação do texto – leitura do contexto*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013. p. 201-218.

SERRA, Joaquim. *Sessenta anos de Jornalismo no Maranhão*. Rio de Janeiro: Faro & Lino, 1883.

Diário do Maranhão (MA) – 1874-1900